

Paulo Gonçalves Castello Branco

FOTO-INTERPRETAÇÕES

Utilizando a fotografia como exercício à visão sociológica do trabalho

. Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais

Orientador(a): Prof(a). Dra. Janecleide Moura de Aguiar

Rio de Janeiro
2022

Paulo Gonçalves Castello Branco

FOTO-INTERPRETAÇÕES

Utilizando a fotografia como exercício à visão sociológica do trabalho

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Aprovado em: 28/09/2022.

Banca Examinadora:

Dra. Janecleide Moura de Aguiar- ECSEB - CPII
Titulação, nome do orientador(a) - Instituição a que pertence

Ma. Silzane de Almeida Carneiro – ECSEB - CPII
Titulação e nome do segundo membro da banca - Instituição a que pertence

Dr. Wolney Vianna Malafaia - EEH-CPII
Titulação e nome do terceiro membro da banca - Instituição a que pertence

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C348 Castello Branco, Paulo Gonçalves

Utilizando a fotografia como exercício à visão sociológica do trabalho / Paulo Gonçalves Castello Branco. – Rio de Janeiro, 2022.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Janeleide de Moura Aguiar.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Fotografia. 3. Base Nacional Curricular Comum. I. Aguiar, Janeleide Moura de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 300

RESUMO

O presente trabalho pretende mobilizar recursos conceituais e metodológicos para incorporar a prática fotográfica no contexto da sala de aula da Educação Básica. Partindo do modelo de oficina e utilizando um recorte apoiado pela sociologia prevista para o ensino médio, a proposta pedagógica tem como cerne o tema “trabalho” que seria problematizado junto aos discentes, no sentido da produção reflexiva do próprio material imagético. E, ao mesmo tempo, de um conjunto de atividades que visam incentivar uma autonomia criativa, de modo a dialogar criticamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em especial com algumas competências específicas e habilidades previstas na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A utilização da fotografia como linguagem iconográfica junto aos discentes se apresenta no seu aspecto documental e como uma interpretação de uma dada realidade na sua complexidade, por capturar o recorte de um instante no tempo. Por fim, todo esse processo possibilita a discussão acerca desta interpretação por parte dos estudantes, de como registrariam e interpretariam o tema proposto.

Palavras-chave: sociologia; fotografia; autonomia; competências; habilidades.

ABSTRACT

The present work aims to bring photographic practice into the classroom, in a workshop model, through a cut-out supported by sociology planned for high school, taking as an example the theme "work" that would be operated with students who would produce their own imagery material, while promoting creative autonomy in line with the current Common National Curriculum Base (BNCC) for some specific competencies and skills foreseen in the field of applied human and social sciences. The use of photography as an iconographic language with the students is presented in the documentary aspect, and although the act of photographing constitutes an interpretation of a given reality, a cut out of an instant in time, this allows the discussion about this interpretation by the students, how they would record and interpret the proposed theme.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 DIMENSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL: EXPLORANDO RECURSOS FOTOGRAFICOS EM DIÁLOGO COM A SOCIOLOGIA	10
3 METODOLOGIA	20
4 FOTO-INTERPRETAÇÕES	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 APRESENTAÇÃO

A visão de que a fotografia representa uma linguagem capaz de articular memória e identidade surge na minha própria trajetória. Diria que ela começa ainda na infância, com o manuseio do projetor de *slides*, através do qual assistia as imagens produzidas pelo meu pai, fotógrafo amador, que utilizava muito o *Ektachrome*¹. Especificamente, nos idos da década de 1970 esses filmes diapositivos eram populares, por terem se tornado mais acessíveis para uma família de classe média como a minha. Desse modo, a presença da fotografia se constitui como uma linguagem que marca minha biografia, articulando momentos cotidianos com referências históricas do contexto social brasileiro.

Assim, o uso do aparato fotográfico se vincula com o padrão de tecnologia disponível em cada desses momentos. Evidentemente, considerando-se os limites e as possibilidades de uso, muitas vezes relacionados com a popularização de alguns itens. Criei certa autonomia quando em 1995 adquiri minha primeira câmera, uma Zenit (figura 1)², e quando pude, em 1998, realizar um curso básico de fotografia.



fonte da imagem: Click Do Felix. Disponível em: [camera zenit 12xp-108](#)
– [Click Do Felix](#) . Acesso em 22 out 2022.

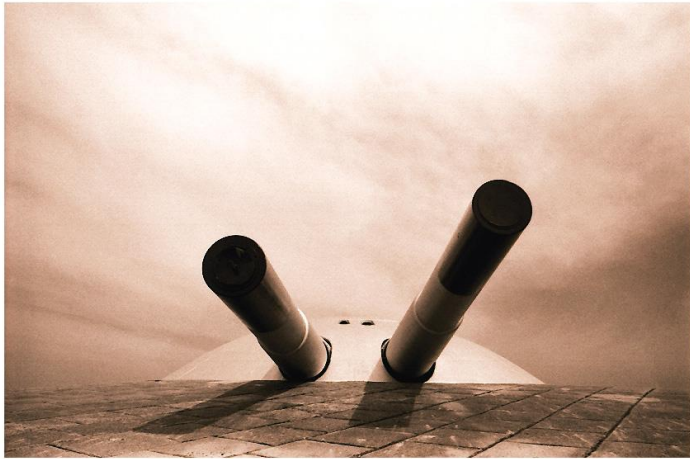
Em seguida aprendi as técnicas de laboratório, praticando a fotografia na modalidade “preto e branco” (figuras 2 e 3), por ser a modalidade com a qual mais me identificava. O

1 Esse filme, produzido pela Kodak, era popular na década de 1970.

2 Câmera fotográfica analógica de 35mm, produzida na antiga U.R.S.S. e depois na Rússia, marca Zenit, modelo 12XP; relativamente barata e robusta, porém possuía poucos recursos.

suporte documental era o papel fotográfico, majoritariamente do tipo perolado, da marca inglesa *Ilford*.

Figura 2 – Siri Cibernético



Fonte: Arquivo pessoal

título: “siri cibernético”
 autor: Paulo G. C. Branco
 ano: 1999
 suporte: original em papel perolado 9x12cm
 câmera: Zenit 12 xp, objetiva 28mm, polarizador
 filme: Kodak Plus-X 125

Figura 3 - Zoo

título: Zoo
 autor: Paulo G. C. Branco
 ano: 1999
 suporte: original em papel perolado
 9x12cm com viragem em sépia.
 Câmera: Zenit 12 xp, objetiva 70-210mm
 filme: Kodak Plus-X 125



Fonte: Arquivo pessoal

Na medida em que crescia o apuro técnico no uso do aparato fotográfico, passei a registrar, principalmente e com maior frequência, paisagens. De certo modo inspirado nas imagens de fotógrafos marcantes, como Marc Ferrez (1843-1923) e Augusto Malta (1864-

1957), cujas obras conhecia desde a adolescência através de outras leituras³, principalmente nos registros de uma cidade do Rio de Janeiro da *belle époque*.

O contexto econômico e a popularização da fotografia digital modificaram a escolha do aporte tecnológico utilizado. Infelizmente, por volta de 2005, devido a vários aumentos do preço do dólar, a aquisição de material fotográfico, principalmente o papel, se tornou proibitivo para minha condição financeira, o que me fez desistir da fotografia analógica. Primeiro com a extinção de meu laboratório e em seguida, a aposentadoria precoce das minhas câmeras. Nesse ínterim, passei para a fotografia digital, através de uma modesta Sony P-92 (figura 4), algo mais compatível com o meu orçamento.

Figura 4 – câmera Sony P-92



Fonte: It Welt 24 de. Disponível em: <https://www.it-welt24.de/27-kompakt-kameras>. Acesso em 22 out 2022

Atualmente o ato de fotografar está bastante popularizado e difundido, principalmente através dos inúmeros modelos de dispositivos móveis, como *tablets*, e telefones celulares disponíveis no mercado, para uma ampla faixa de consumidores, tanto de aparelhos quanto de imagens. O que permite o exercício de uma forma de linguagem que antes estava restrita a um menor número de pessoas, relativamente. Apesar de no passado recente contarmos com a disponibilidade de câmeras automáticas e de baixo preço, nada se compara à acessibilidade

3 Aqui cabe ressaltar a importância da leitura na tenra idade. Talvez atribua o gosto pela história para essas leituras, no caso específico, a coleção “*Nosso Século*” da Abril Cultural, que retratava o Brasil desde 1900 até a década de 1980. Lá tive contato com as imagens dos fotógrafos citados no texto.

fotográfica que se tem atualmente, em se tratando das possibilidades trazidas pelos recursos tecnológicos acoplados com os dispositivos móveis.

Dominar as técnicas de fotografia também não se constitui mais um obstáculo, pois a tecnologia presente nos aparelhos celulares atuais permite ao usuário fotografar sem a necessidade de conhecimento técnico, já que o aparelho faz isso por ele. Podemos apresentar como exemplo o “modo automático” da câmera do celular, em que procedimentos como foco, tempo de exposição e abertura do diafragma são executados pelo aparelho, tornando mais “fácil” fotografar para aqueles que não dominam a técnica fotográfica. Por outro lado, tais recursos também afastam cada um dos que fotografam de um maior controle sobre o ato de registrar a imagem.

Não podemos também esquecer que o processo de popularização do aparato fotográfico também foi viabilizado pelo crescente uso de recursos de busca na internet, na medida em que temos um vasto material disponível em sites e blogs especializados, além de inúmeros vídeos tutoriais com essa temática.

Em linhas gerais, considerando a conexão emocional que a fotografia provocou em minha existência, inclusive que reverbera até hoje, tudo isso me fez enveredar e refletir sobre o caminho de sua utilização como recurso didático no ensino médio. Ao me deparar com o desafio de elaborar um TCC para o curso de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica do Colégio Pedro II, o tema do uso da fotografia acabou aflorando, já que dialoga precisamente com minha área de atuação, uma vez que desde 2015 leciono sociologia no ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro.

O presente trabalho propõe uma conexão estreita entre teoria e prática, tendo como amálgama a fotografia. O modelo de oficina voltado para estudantes do ensino médio permite aproximar a prática fotográfica com a teoria sociológica, tomando como referência os conceitos fundamentados em Karl Marx acerca do mundo do trabalho. A opção pela fotografia repousa na mobilização pedagógica da linguagem visual para tratar a temática do mundo do trabalho, por intermédio de conceitos teóricos que, embora envolvam um exercício de abstração, se concretizam como um instrumento para compreender o cotidiano dos estudantes, por estes serem oriundos de famílias da classe trabalhadora, ou por já estarem inseridos no mercado de trabalho ou ainda em processo de inserção futura.

2 DIMENSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL: EXPLORANDO RECURSOS FOTOGRÁFICOS EM DIÁLOGO COM A SOCIOLOGIA

O percurso desenvolvido no produto educacional elegeu como uma das referências fundamentais o sociólogo José de Souza Martins. O autor salienta que dentro do campo da Ciências Sociais, a fotografia poderia ser um recurso para o registro factual de informações de caráter sociológico para uma dada realidade social. Mas adverte que estas ciências foram cuidadosas e criaram técnicas para “filtrar o que é estranho à suposta pureza do objeto, sobretudo a invasão da subjetividade do pesquisador na formulação e na investigação de seu tema de pesquisa.” (MARTINS, 2017, p.09)

Na medida em que a imagem ganha força como atributo de interpretação da realidade social, a fotografia e o cinema assumem uma importância que precisa ser reconhecida e assumida no campo das Ciências Sociais. Sabemos que em nossa sociedade atual, com os recursos tecnológicos disponíveis, a imagem adquiriu importância sobre outras formas de linguagem, na medida em que se converte em elemento de interpretação e análise da dinâmica social.

Na progressiva relevância da Sociologia fenomenológica e da temporalidade curta em relação à Sociologia preferentemente voltada para estruturas sociais e processos históricos, de temporalidade longa, o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais” (MARTINS, 2017, p.10)

Ao mesmo tempo, cabe considerar alguns protocolos éticos no seu uso. Deve-se levar em conta que a fotografia está sujeita a permissões e interdições – o que inspira cautela ao proceder com os registros. E o autor adverte que os cientistas sociais precisam observar as regras sociais dos grupos fotografados, no sentido de preservar o “corpo coletivo invisível”.

Trata-se de um código de visualidade que deve ser respeitado, para que o ato de fotografar não seja invasivo, por desprezar as regras de sociabilidade, provocando um tipo de violência relacionado com a captura não permitida da imagem. Portanto, estamos diante de uma situação delicada que envolve um limite em se tratando da ética na pesquisa. Além desse aspecto, cabe ressaltar que a imagem de crianças e adolescentes deve ser resguardada para manter a integridade do referido grupo.

Pensando na realidade concreta da oficina, temos um conjunto de atividades propostas pelo docente para serem realizadas pelos estudantes. E estas devem ser instrumentalizadas por

intermédio de dispositivos móveis, em especial aparelhos de telefone celular, pelo fato de serem amplamente difundidos entre as diferentes camadas da sociedade brasileira.⁴

O professor e fotógrafo espanhol Joan Fontcuberta representa uma referência amplamente reconhecida no campo acadêmico atual, por pensar questões contemporâneas. O autor (2016) argumenta que a fotografia no seu aporte digital está imersa em uma nova ordem, marcada por características como a “imaterialidade, profusão, disponibilidade e transmissibilidade das imagens”. Ainda segundo Fontcuberta, estamos vivendo um momento de superabundância de imagens que se tornaram onipresentes, exatamente por terem sido potencializadas pelas tecnologias digitais e os modernos meios de comunicação.

Todavia, o autor destaca alguns estágios de expressão da arte fotográfica. O primeiro deles estaria associado ao “impulso documental” que se constitui pela necessidade de registrar e conservar a imagem de uma realidade “em estado bruto”. Já a outra etapa, destaca o objetivo de “interpretar e não somente de testemunhar a situação” em si.

A fotografia pela mediação dos dispositivos móveis inauguraria um conceito contemporâneo: a *postfotografia*. Como um espaço híbrido que envolve a captura de imagens e a sociabilidade digital, incluindo o próprio sujeito, uma vez que a câmera se “descola do olho” de quem fotografa. Esse deslocamento insere o autor da imagem na cena.

En la ergonomía del selfie, cabe destacar en primer lugar que la exploración de la realidad no se efectúa con el ojo pegado al visor de la cámara. La distancia física e simbólica que se interpone entre ambos, acrecentada a menudo por esse ridículo adminículo que es el *selfie-stick* o palo-*selfie*, em fin la pérdida de contacto físico entre el ojo y el visor desprovee a la cámara de su condición de prótesis ocular, de dispositivo ortopédico integrado a nuestro corpo. (FONTCUBERTA, 2016, p.86)

Provavelmente, a popular *selfie* não será prioritariamente utilizada na captura de imagens das oficinas, mas será abordada pela sua expressividade entre as gerações em formação na escola, tendo em vista que se tornou fundamental não somente registrar o momento, mas também fazer parte da cena. E no caso dos jovens, o circuito somente se completa quando temos

4 “O Brasil tem atualmente mais de um *smartphone* por habitante, segundo levantamento anual divulgado pela FGV. São 242 milhões de celulares inteligentes em uso no país, que tem pouco mais de 214 milhões de habitantes, de acordo com o IBGE. A pesquisa mostra que, ao adicionar notebooks e *tablets*, são ao todo 352 milhões de dispositivos portáteis no Brasil, o equivalente a 1,6 por pessoa.” (PORTAL CNN Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/business/brasil-tem-mais-smartphones-que-habitantes-aponta-fgv/> Acessado em 25 de agosto de 2022)

o registro publicado nas redes sociais. O professor pode planejar uma atividade de sensibilização da turma utilizando o que Fontcuberta chamou de “dança sélfica” – inserindo os estudantes numa atividade de autorrepresentação coletiva junto com o docente – com registros publicados, no sentido de pensar a internet como território de comunicação entre as gerações.

Enfim, cabe ao docente perceber as nuances entre a fotografia *analógica-digital*, no sentido de enfatizar a materialidade, a verdade e a memória; enquanto a fotografia *digital-móvel*⁵, destaca valores como a profusão, a imediatez e a conectividade. E partindo desse reconhecimento, vale planejar atividades pedagógicas que possam promover o diálogo entre o conhecimento sociológico e a prática fotográfica, incorporando diferentes experiências e leituras interpretativas entre estudantes e o próprio docente.

2.1 A presença da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio (NEM)

Uma análise histórica dos currículos das escolas brasileiras, em especial a partir do século XX, demonstra uma patente intermitência da sociologia como disciplina no ensino médio. Cabe situar que o presente texto não tem o objetivo de desenvolver uma análise sobre a temática, mas de situar o leitor no contexto atual, especificamente de uma fase de transição para o chamado “Novo Ensino Médio”. Até porque a proposta de oficina situa-se no referido cenário marcado por diversos desafios e contradições.

De acordo com vários autores (Bodart, 2020; Aguiar e Dourado, 2018), a BNCC está vinculada à reforma do Ensino Médio, implantada através de Medida Provisória durante o governo de Michel Temer (2017)⁶. Portanto, assumiu um caráter não democrático, uma vez que

5 Fontcuberta (2016) descreve essas mudanças dentro de um curto espaço de tempo: *selfies* (2010), *postfotografia* (2011); localizando que tais temáticas se tornam temas monográficos em 2014.

6 A LEI nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016), altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

foi incapaz de desenvolver um amplo debate com agentes da área educacional, tais como gestores, professores e acadêmicos. A profundidade da crítica pode ser sintetizada pela declaração de voto da Conselheira do CNE, Márcia Angela da Silva Aguiar:

Declaro meu voto contrário ao Parecer referente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresentado pelos Conselheiros Relatores da Comissão Bicameral da BNCC, José Francisco Soares e Joaquim José Soares Neto, alegando que o mesmo rompe com o princípio conceitual de Educação Básica ao excluir a etapa do Ensino Médio e minimizar a modalidade EJA, e a especificidade da educação no campo; desrespeita o princípio do pluralismo proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); fere o princípio de valorização das experiências extraescolares; afronta o princípio da gestão democrática das escolas públicas; atenta contra a organicidade da Educação Básica necessária à existência de um Sistema Nacional de Educação (SNE). Declaro, ainda, que o Conselho Nacional de Educação ao aprovar o Anexo (documento – 3ª versão da BNCC) apresentado pelo Ministério da Educação, com lacunas e incompletudes, abdica do seu papel como órgão de Estado; fragiliza a formação integral dos estudantes, além de ferir a autonomia dos profissionais da Educação. Isto posto, reitero meu voto contrário à aprovação da Base Nacional Comum Curricular nos termos do Parecer, Resolução e Anexos apresentados pelos Conselheiros Relatores. (AGUIAR & DOURADO, 2018, p.8)

Nunca é demais reforçar que nesse conturbado contexto, a Sociologia passa a figurar dentro de um modelo curricular flexibilizado como “saberes e práticas”, deixando de ser obrigatória no ensino médio. Desse modo, o novo currículo se apresenta composto por competências, e se torna, como bem explica Bodart (2020) “desdisciplinarizado”. De maneira que nessa moldura, a Sociologia, como disciplina, perde autonomia e se dilui em áreas de conhecimento, assim como outras disciplinas – com exceção feita à Matemática e a Língua Portuguesa.

Entendendo criticamente o modelo de competências gerais apresentado pela BNCC, a presente oficina busca promover um diálogo com duas delas, visando perceber limites, possibilidades e contradições.

A primeira selecionada seria:

Valorizar e utilizar os conhecimentos e também historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018)

Para a primeira competência, Bodart salienta a importância da sociologia escolar para desenvolvimento desse objetivo. O autor cita referenciais teóricos, como Zygmunt Bauman e Tim May, por onde a Sociologia “leva-nos a refletir sobre o mundo em que vivemos e questões

que nos cercam, possibilitando a capacidade analítica da vida social para além do cotidiano e do senso comum.” (2020, p. 227).

De modo complementar, cabe analisar e incluir outra competência:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, **visual**, sonora e **digital**-, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2018)

Já a competência acima selecionada, se refere ao cerne da oficina proposa, na medida em que se propõe a realização de um conjunto de atividades relacionadas com a fotografia, entendida como linguagem artística e técnica. Ao mesmo tempo em que dialoga com a possibilidade de problematizar questões sociais, econômicas, políticas e culturais – evidentemente marcantes do campo das Ciências Sociais.

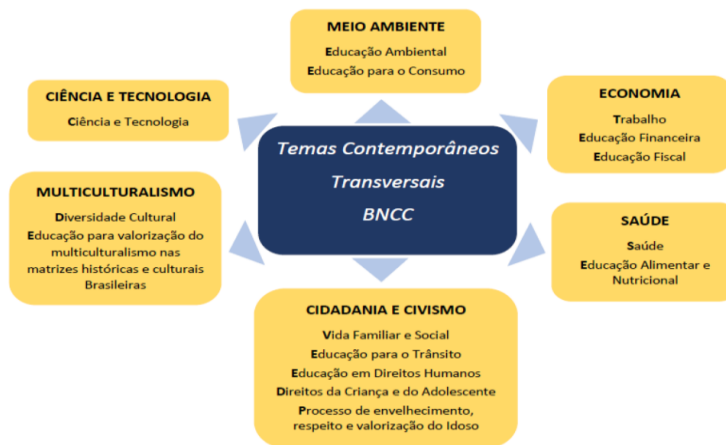
Desse modo, este trabalho objetiva problematizar e promover uma reflexão, partindo de algumas “competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas ao ensino médio” constantes no documento da BNCC. Toma-se como ponto de partida, a competência específica de número quatro, que propõe “Analisar as relações de produção capital e trabalho em diferentes territórios, conceitos e culturas, discutindo o papel dessas relações de construção, consolidação e transformação das sociedades.” (BRASIL, 2018)

Portanto, a referida competência específica prevê que “os estudantes compreendam o significado de trabalho em diferentes culturas e sociedades, suas especificidades e os processos de estratificação social caracterizados por uma maior ou menor desigualdade econômico-social e participação política.” (BRASIL, 2018)

Além disso, na Base Nacional Comum Curricular o tema trabalho ganha uma dimensão mais secundária⁷, aparecendo em documentos posteriores como um elemento integrante do eixo Economia, conforme a publicação dos Temas Contemporâneos Transversais (2019) na figura 5.

7 Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) o trabalho apareceria como um Tema Transversal.

Figura 5 – Temas Contemporâneos Transversais BNCC.



Fonte: Base nacional comum. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em 20 set 2022.

Assim, a oficina busca, estrategicamente, enfatizar e dar centralidade a dimensão do trabalho, dentro da perspectiva da teoria crítica, criando um caminho pedagógico para esvaziar aspectos relacionados com o Mercado e o Estado Neoliberal – no caso, Educação Financeira e Educação Fiscal.

Neste campo, com o auxílio da fotografia, a presente dinâmica procuraria exercitar a seguinte habilidade:

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais. (BRASIL, 2018)

Portanto, vale descrever estratégias de uso da linguagem fotográfica para docentes do Ensino Médio, no sentido de motivar um estudo com os alunos sobre o conceito sociológico de “trabalho”, ressaltando aspectos teórico-conceituais e, ao mesmo tempo, uma dimensão mais técnica relacionada com a prática fotográfica.

Em complemento, o texto do professor Cristiano Bodart (2015) serve de orientação para a presente dinâmica, uma vez que propõe a prática de uma visão “sociológica”, na educação de um modo de “ver” que superaria o senso comum presente no “olhar”, discutindo também o modo de estranhamento e familiaridade necessários para se analisar um fenômeno social, a partir do uso da fotografia.

2.2 A importância das fontes iconográficas

Com o objetivo de proporcionar aos estudantes uma “educação para um olhar fotográfico”, o professor pode indicar aos estudantes uma pesquisa em acervos fotográficos disponíveis na *internet*. Em geral mais acessíveis, por possibilitarem a entrada por intermédio de telefones celulares, além de dispositivos digitais de modo geral.

Enfatiza-se a relevância dos jovens consultarem fontes iconográficas diversificadas, pela observação de fotografias produzidas tanto por fotógrafos anônimos quanto profissionais. Enfatiza-se que essa prática contribui para o treino da prática fotográfica, como por exemplo aspectos de: enquadramentos, usos da luz, cores e contrastes, sem contar os assuntos⁸ fotografados, que possuem temática variada, tais como pessoas, paisagens, profissões etc.

A página do portal *Brasiliiana Fotográfica* reúne diversas instituições públicas e entidades privadas que organizam coleções fotográficas de grande importância, como a Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles. Trata-se de “um espaço para dar visibilidade, fomentar o debate e a reflexão sobre os acervos deste gênero documental, abordando-os enquanto fonte primária, mas também enquanto patrimônio digital a ser preservado.”⁹.

O repositório digital da *Brasiliiana Fotográfica* pode contribuir para o ampliar o capital cultural dos discentes, uma vez que oferece mecanismos de busca de conteúdo e uma base de dados robusta – ampla, confiável e tecnicamente acessível dentro dessa modalidade de linguagem, visual. Ao indicar essa fonte de pesquisa, o docente garante que os estudantes tenham acesso a um conjunto amplo de fotografias com alta resolução de imagens e com uma indexação precisa de dados – com filtros como assunto, autor, local, ano. Além de ferramentas como o “zoom” que permitem o estudo mais detalhado de uma imagem, sem perder a resolução da fotografia. Enfim, o uso do referido portal apresenta muitas vantagens se comparado com os blogs fotográficos – estes, pela sua informalidade, não reúnem, em geral, as características supracitadas.

Destaca-se a obra de Boris Kossoy – historiador da fotografia, professor, fotógrafo, museólogo, arquiteto. Ele tem uma contribuição teórica na investigação da história da fotografia

8 Assunto, para a fotografia, é o objeto fotografado.

9 BRASILIANA FOTOGRAFICA. Disponível em: [Objetivos | Brasiliiana Fotográfica \(bn.gov.br\)](https://objetivos.brasiliiana.gov.br/) . Acesso em 13 mar. 2022.

no Brasil e na América Latina, em especial no uso da iconografia como fonte de pesquisas nas ciências humanas e sociais.

Kossoy salienta que o fotógrafo representa também um filtro cultural que define o resultado em sua caracterização final.

A eleição, de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. (KOSSOY, 1989, p. 27)

Este autor também argumenta que quando um fotógrafo registra algo, se expressando de maneira pessoal, deixa à vista, para além do seu posicionamento acerca de uma dada realidade, seu posicionamento ideológico. E este argumento pode ser utilizado pelo professor ao orientar os estudantes no processo de captura de imagens sobre o “trabalho” como categoria sociológica.

Importante que o docente oriente seus estudantes a conhecerem fotógrafos importantes na história da comunidade escolar. No caso da cidade do Rio de Janeiro temos a figura de Augusto Malta (1864-1957) que registrou o processo de reforma urbana no início do século XX, como na figura 6.

Figura 6 - Demolição do Morro do Castelo



Fonte: Brasiliana Fotográfica. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4668>. Acesso em 22 out 2022.

As fotografias de Malta representam o testemunho de um período de intensa modernização do espaço urbano carioca e as modificações decorrentes de políticas públicas, já que ele assumia a função de fotógrafo oficial da prefeitura da cidade.

Por sua vez, Marc Ferrez, vide figura 7, pode ser considerado um dos grandes fotógrafos de sua época, por ter retratado figuras ilustres da cidade e por documentar imagens dos novos prédios que surgiam na cidade do Rio de Janeiro, na época capital federal da República.

Figura 7 – Avenida Central por Marc Ferrez



Fonte: Brasiliana Fotográfica. Disponível em:
<https://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/10487>. Acesso em: 22 out 2022.

Em correspondência ao tema da oficina, não poderia deixar de citar a importante referência do fotógrafo e economista brasileiro Sebastião Salgado (1943-), um ícone da fotografia que registrou muitos aspectos do mundo do trabalho. No livro *Gold* podemos apreciar imagens impressionantes feitas em 1986 no garimpo de Serra Pelada, no estado do Pará¹⁰.

Terra é um livro de Sebastião Salgado publicado em 1997 pela Companhia das Letras. Além da parceria com José Saramago, que escreveu o prefácio, o livro foi comercializado em conjunto com o CD Terra, de Chico Buarque. A obra possui 137 fotografias em preto e branco, tiradas entre 1980 e 1996, que retratavam a condição de vida de trabalhadores rurais sem-terra, mendigos, crianças de rua e outros grupos excluídos socialmente, marginalizados e desterrados no Brasil ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_(livro)))

10 Neste site podemos ter um panorama da obra deste importante fotógrafo: [Sebastião Salgado: 13 fotos impactantes que resumem a obra do fotógrafo - Cultura Genial](#) . Acesso em 28 mai 2022.

No livro **Trabalho, uma arqueologia da era industrial** (Portugal, 1993; Brasil, 1996), o fotógrafo homenageia o trabalho realizado com a força do corpo. O total de 350 fotografias que tematizam condições de trabalho duras e penosas.

Considero importante o contato com tais obras porque poderia despertar a sensibilidade e potencial interesse profissional e/ou artístico nos discentes, enriquecendo sua experiência visual e estética, importantes na construção de um capital cultural mais consistente.

Na proposta dessa oficina, pretende-se orientar os estudantes ao exercício de registro fotográfico com o tema “trabalho” a partir de suas próprias interpretações, portadoras de conhecimentos histórico-sociais, tendo em vista suas respectivas experiências de vida e visões de mundo, por onde a fotografia é também um ato interpretativo.

3 METODOLOGIA

O aporte metodológico requer um embasamento teórico. Para fins de referência, a proposta pedagógica trilha um percurso com autores clássicos e contemporâneos, ligados ao tema do “trabalho”. E tal escolha se justifica porque determinadas reflexões teóricas vão sendo atualizadas, até mesmo para conseguir compreender as transformações estruturais da sociedade, a partir de novas problematizações feitas pelos cientistas sociais no decurso do tempo. O conhecimento científico não é imutável, pois está sujeito a contribuições em seu desenvolvimento.

Assim, surgem novas categorias de explicação da realidade social que dialogam com o aporte clássico, no sentido desvelar a complexidade do real, pela via do método dialético que busca interpretar as relações entre o concreto-abstrato, entre objetividade-subjetividade.

A referência clássica reside no pensador alemão Karl Marx (1818-1883), cujos conceitos escolhidos foram extraídos do Dicionário do Pensamento Marxista (BOTTOMORE, 2001) que se relacionam ao mundo do trabalho: divisão do trabalho, exploração, força de trabalho, mais-valia e processo de trabalho.

Em relação à contemporaneidade, cabe situar a contribuição dos sociólogos brasileiros Ricardo Antunes e Ruy Braga (2009, 2012, 2017, 2018, 2019), por serem referências no campo de estudos da Sociologia do Trabalho. Em várias obras autorais ou que aparecem como organizadores, ambos buscam revelar aspectos complexos do contexto contemporâneo de reestruturação do mundo do trabalho, sob a égide de um capitalismo pós-fordista, no qual a precarização laboral e suas consequências têm um papel chave na nova configuração do trabalho.

Destaca-se um cenário cada vez mais flexível e menos protegido, em especial com o surgimento de um novo “proletariado de serviços”, como forma de trabalho precário que vai atingir principalmente os jovens. Assim, Braga (2012, 2017) utiliza conceito de “precariado” para descrever esse grupo como o “proletariado precarizado”, enquanto Antunes (2018) destaca o “novo proletariado de serviços na era digital”, o “infoproletariado”.

Assim, tais conceitos, clássicos e contemporâneos, serviriam como norteadores tanto para suscitar o assunto da fotografia, quanto para a análise posterior das imagens. Cabendo ao docente fazer o papel de mediação pedagógica.

O trabalho, do ponto de vista da sociologia, leva em consideração tanto os aspectos econômicos como técnicos nele incluídos, porque eles são uma dimensão das relações sociais. Mas também as relações de poder, hierarquia, conflito e solidariedade entre pessoas e grupos estarão pautando as formas de organização do trabalho dentro de uma sociedade. (BARBOSA, 2012, p. 93)

Dentro da perspectiva adotada, as imagens fotográficas devem levar em conta o método dialético, no sentido de revelar a complexidade do real, considerando os conflitos e contradições relacionados com os antagonismos de classe presentes na sociedade capitalista. Portanto, a mediação da tecnologia – por exemplo com o uso de aparelhos celulares para capturar imagens fotográficas – em propostas pedagógicas precisa ser feita de modo compreender que seu uso deve levar em conta o sentido de “apropriação humana”, superando uma visão tecnocêntrica.

De tal maneira, se utilizou a internet como ferramenta de busca para o conjunto principal de conteúdo disponibilizado ao longo do trabalho, até porque o acesso remoto permite incluir materiais raros e inacessíveis para o grande público, em função do alto custo, além de aspectos técnicos sobre uso do celular para a captura de imagens fotográficas.

No caso do Brasiliana Fotográfica, o portal se mostra especialmente importante para o levantamento de dados sobre a história da fotografia no Brasil, ainda mais por oferecer recursos e ferramentas de busca dentro de um repositório devidamente indexado e com padrão adequado de resolução das imagens fotográficas. Na atividade de consulta ao acervo se pratica também um olhar fotográfico, no sentido do aprendizado de aspectos técnicos. Isso porque quando o professor propõe uma atividade de leitura de como se chegou à determinada imagem, coloca-se em evidência a percepção das técnicas utilizadas, embora o foco muitas vezes seja, convencionalmente, a análise do contexto da imagem.

Por fim, a concepção e a descrição de todas as etapas concebidas para a oficina foram importantes no planejamento da proposta pedagógica, no sentido de mobilizar conceitos sociológicos relacionados ao mundo do trabalho, por intermédio da prática fotográfica com estudantes da Educação Básica.

4. FOTO-INTERPRETAÇÕES

Figura 8 – Fotointerpretações



Fonte: arquivo pessoal.

O desenvolvimento do produto educacional (vide figura 8) requer o planejamento detalhado e a execução de etapas fundamentais de sensibilização, motivação e orientação do trabalho dos estudantes. Cabe ao docente modular o aporte teórico-conceitual, do campo sociológico, com atividades de prática fotográfica.

4.1. Dança sêlfica: sensibilizando para o uso da fotografia

A etapa de sensibilização tem como fonte de inspiração o trabalho de J. Fontcuberta. Assim, o professor pode iniciar a atividade com uma convocatória para que os estudantes busquem em seus celulares *selfies* já feitas ou mesmo que produzam novos registros em ambientes diversos na escola. As perguntas (Quem? Onde? O quê? Como? Por quê?) poderiam estar escritas no quadro para motivar a atividade. A ideia seria falar das imagens produzidas, com temáticas variadas pelos estudantes, e seus contextos gerais.

Quanto às *selfies*, por constatação empírica deste autor, elas já estão bastante difundidas entre o público jovem, constituindo um saber que pode ser útil na presente oficina, pois se refere a conhecimentos que podem ser trocados com o professor, sobre fotografia e difusão das mesmas através das redes sociais, do mesmo modo que a confecção de figurinhas e memes por este mesmo público, constituindo um exercício de intercâmbio de saberes.

4.2. Introdução conceitual

Antes de sair à campo faz-se necessário uma aula expositiva acerca dos conceitos norteadores¹¹, a fim de preparar os alunos para a oficina De um lado, o referencial teórico clássico, embasado por Marx, por intermédio de conceitos como divisão do trabalho, exploração, força de trabalho, mais-valia e processo de trabalho. De forma complementar, abordando a nova morfologia do trabalho, através dos referenciais contemporâneos.

No sentido de instrumentalizar o trabalho conceitual, cabe destacar algumas passagens:

A) Divisão do trabalho:

“Marx define a divisão social do trabalho como “a totalidade das formas heterogêneas de trabalho útil, que diferem em ordem, gênero, espécie e variedade [...] é uma condição necessária para a produção de mercadorias pois, sem atos de trabalho mutuamente independentes, executados isoladamente uns dos outros, não haveria mercadorias para trocar no mercado. [...]” (p. 112)

“Consideremos primeiramente a divisão social do trabalho. Ela existe em todos os tipos de sociedade e tem origem nas diferenças da fisiologia humana, diferenças estas que são usadas para favorecer determinados fins dependendo das relações sociais que predominem [...]” (p. 112)

“[...] comunidades diferentes têm acesso a diferentes meios de produção e de subsistência em seus ambientes naturais, e tais diferenças estimulam a troca de produtos quando as diferentes comunidades entram em contato. [...]” (p. 112)

11 Para o presente trabalho tais conceitos foram retirados do Dicionário do Pensamento Marxista, de Tom Bottomore, mas alguns como a mais-valia, força de trabalho e divisão social do trabalho podem ser encontrados em livros didáticos, vide: AFRÂNIO et. al. *Sociologia em movimento*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013. cap. 9 (p. 214-230)

B) Exploração:

“Termo usado por Marx em dois sentidos, o primeiro dos quais [...] é a utilização de um objeto pelas vantagens que oferece – exploração de recursos naturais, de uma situação política, ou da moralidade hipócrita [...]” (p. 144)

“[...] Num certo sentido, portanto, exploração é um termo pejorativo de caráter abrangente, bastante útil e de excepcional força polêmica; e por isso muito presente na investida crítica de Marx contra o capitalismo.” (p. 144)

“[...] Em qualquer sociedade em que as forças produtivas se tenham desenvolvido além do mínimo necessário à sobrevivência da sua população, capacitando-a assim, pelo menos potencialmente para crescer, transforma-se e sobreviver às vicissitudes da natureza, a produção de um excedente torna possível a exploração, que é o fundamento da sociedade de classes. A exploração ocorre quando um setor da população produz um excedente cuja utilização é controlada por outro setor.” (p. 144)

C) Força de trabalho:

“[...] é a capacidade de realizar trabalho útil que aumenta o VALOR das mercadorias [...] é a sua força de trabalho que os operários vendem aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro [...] deve ser diferenciada do *trabalho*, que é o próprio exercício efetivo da capacidade produtiva humana de alterar o valor de uso das mercadorias e de acrescentar-lhes valor [...]” (p. 156)

D) Mais-valia:

“A extração de mais-valia é a forma específica que assume a EXPLORAÇÃO sob o capitalismo [...] em que o excedente toma a forma de LUCRO e a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais que ela recebe como salário.” (p. 227)

“[...] O produto pertence ao capitalista, que obtém mais-valia da diferença entre o VALOR do produto e o valor do capital envolvido no processo de produção [...]” (p. 227)

E) Processo de trabalho:

“[...] é aquele em que o trabalho é materializado ou objetificado em valores de uso [...] O trabalho é, nesse caso, uma interação da pessoa que trabalha com o mundo natural, de tal modo que os elementos deste último são conscientemente modificados e com um propósito. Por isso, os elementos do processo de trabalho são três: primeiro, o trabalho em si, uma atividade produtiva com um objetivo; segundo, o (os) objeto (s) sobre os quais o trabalho é realizado; e terceiro, os meios que facilitam o processo de trabalho.” (p. 299)

“[...] Os objetos do trabalho e os meios do trabalho, em conjunto, são chamados de “meios de produção”.[...]” (p. 299)

Cabe destacar que os conceitos elencados acima não exaurem a temática, podendo o professor ampliar sua abordagem adicionando mais elementos contribuintes para o debate¹², como por exemplo o trabalho análogo à escravidão, o trabalho infantil e o precarizado – temas constantes do currículo mínimo utilizado na rede pública estadual do Rio de Janeiro junto à segunda série do ensino médio. O trabalho doméstico também pode ser abordado para tratar da questão da desigualdade social que, por sua vez, pode estar associada ao histórico processo de concentração de renda.

A descrição da *nova morfologia do trabalho* representa uma importante contribuição teórica de Ricardo Antunes e Ruy Braga. No referido contexto, nossa sociedade vem passando por um processo de reestruturação econômica e produtiva, desde a década de 1970, capaz de transformar o mundo do trabalho e o formato da classe trabalhadora. Assim, há uma quase extinção do modelo de trabalhador fordista, mais especializado e estável; sendo o avanço do capitalismo protagonizado por um modelo toyotista, reformulado em um padrão polivalente e multifuncional – inclusive que vai se encaixar na forma de trabalho precarizado promovida nas últimas décadas.

Antunes, indica que “a classe trabalhadora compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, a *classe-que-vive-do-trabalho* e que são despossuídos dos meios de produção” (2009, p. 235). Evidencia também algumas tendências observadas acerca desta realidade, dentre as quais se observa uma diminuição do

12 Matéria sobre as mudanças recentes na legislação trabalhista e seus impactos negativos. Disponível em: [Brasil, um dos 10 piores países para trabalhadores. E continuará sendo monitorado na OIT - Rede Brasil Atual](#) . Acesso em: 11 jun 2022.

proletariado industrial, oriundo de uma indústria de padrão fordista, para um aumento de formas desregulamentadas de ocupação, extremamente precarizadas, pertencentes a um novo proletariado de serviços.

Os autores apontam que este novo proletariado, integrante das várias modalidades de trabalho precarizado, compreende os “terceirizados, subcontratados, *part-time* [...] que se expandem em escala global” (2009, p. 235) e que vem na esteira de um processo amplo e complexo.

desestruturação crescente do Estado de bem-estar social nos países do Norte e o aumento da desregulamentação laboral dos países do Sul, acrescidos da ampliação do desemprego estrutural, os capitais implementam alternativas de trabalho crescentemente “informais”, de que são exemplo as distintas formas de terceirização. (2009, p. 235)

Os autores destacam o aumento do trabalho feminino, seja nos países centrais ou nos periféricos. Todavia, o aumento do contingente destas trabalhadoras não corresponde a uma melhoria nas condições salariais e de direitos sociais, que permanecem abaixo dos trabalhadores do sexo masculino. Um outro ponto diz respeito aos jovens que se tornam excluídos do mercado de trabalho e das perspectivas de ingresso no mesmo, acabando por aumentar o contingente dos trabalhadores precarizados e desempregados. Configurando um contexto em que os autores classificam como “sociedade do desemprego estrutural”.

No referido cenário, aos jovens se juntam os considerados “idosos”, provenientes do mundo fordista, trabalhadores especializados que acabam por serem preteridos em relação aos trabalhadores polivalentes e multifuncionais, pertencentes a cultura toyotista. Para os autores, neste conjunto de tendências, não passa despercebida a expansão do terceiro setor como:

forma alternativa de ocupação, através de empresas de perfil mais comunitários, motivadas predominantemente por formas de trabalho voluntário, abarcando um amplo leque de atividades, onde predominam aquelas de caráter assistencial, sem fins diretamente mercantis ou lucrativos e que se desenvolvem relativamente à margem do mercado. (2009, p. 237)

Além disso, importante perceber que os conceitos do mundo do trabalho apresentam uma caracterização marcada por uma parcela de abstração que precisa ser revestida de uma dose de concretude, no sentido de uma representação fotográfica feita pelos estudantes, sempre combinando sensibilidade e argumentação teórica de base sociológica. Pensando nesse aspecto, apresento duas imagens de meu acervo pessoal, para mostrar exemplos de como problematizar aspectos do mundo do trabalho por intermédio de fotografias.

Em linhas gerais, as fotografias podem ser descritas e detalhadas com informações relacionadas ao mundo do trabalho, tal como apresentamos a seguir:

Figura 9 – Aproximação final



Fonte: arquivo pessoal.

Contexto do mundo do trabalho: aviação *offshore* no Brasil, como uma forma de serviço terceirizado (as empresas de táxi aéreo são contratadas pelas companhias de exploração de petróleo).

Na figura 9, aeronave em aproximação final para um navio-sonda à serviço de uma companhia petrolífera.

Figura 10 - Aeronauta



Fonte: arquivo pessoal.

O trabalho na *offshore* fez parte da minha experiência de vida na função de copiloto numa empresa de táxi aéreo.

Em linhas gerais, a extração de mais-valia acontece pela exploração da força de trabalho empregada. Inclusive nesse caso, em que o trabalhador ocupa uma função como atividade “meio” e não como atividade “fim”. Figura 10.

O preenchimento do quadro que se segue representa um exemplo de atividade que pode ser feita, no sentido de exercitar a transposição entre a dimensão abstrata-conceitual e a concreta-real. As imagens acima representam apenas uma referência, na medida em que o docente pode indicar que seus alunos preencham o quadro a partir das próprias fotografias – o que certamente cria uma motivação adicional para a realização da atividade.

Quadro conceitual sobre o mundo o trabalho

categorias analíticas	breve explicação	nível concreto
<i>a) meios de produção</i>	conjugação entre meios de trabalho e objetos de trabalho	_____
<i>b) meios de trabalho</i>	instalações e infraestrutura	plataformas, equipamentos, energia, transporte, telecomunicações etc.
<i>c) objetos de trabalho</i>	recursos nos quais se aplicam o trabalho humano	campos de petróleo
<i>d) forças produtivas</i>	conjugação entre a força de trabalho humana e os meios de produção	Os trabalhadores envolvidos na extração do petróleo (incluindo os itens “b” e “c”
<i>e) relações de produção</i>	sociais e técnicas	capitalistas, terceirizadas, flexíveis

O trabalho humano abstrato – seja na condução da aeronave/helicóptero para transportar trabalhadores ou carga, seja no conjunto de atividades diversificadas que culminam com a extração do petróleo – gera um valor que vai além da quantia recebida de volta sob a forma de salário – possibilitando a extração da *mais-valia*, com a exploração do trabalhador e o lucro do capitalista.

No caso específico, temos uma categoria profissional, a dos aeronautas¹³ que tinha sua atividade regulada pela Lei nº 7.183/1984 (Lei do Aeronauta) que protegia os trabalhadores de aspectos insalubres em suas jornadas, em especial do risco de fadiga humana. Cabe ao professor destacar para seus alunos que parte desse cenário de proteção começa a ruir com a Reforma Trabalhista (Lei 13467/2017)¹⁴ aprovada durante o governo do presidente Michel Temer., impactando em diversas outras profissões e atividades profissionais.

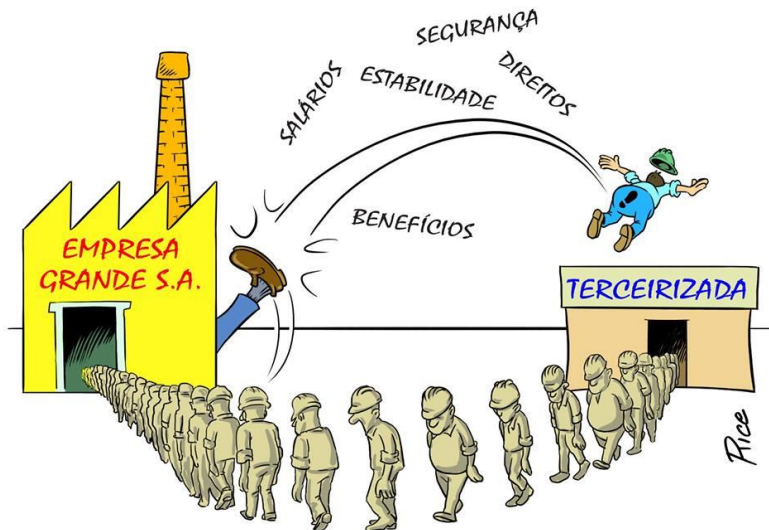
Nesse contexto da referida Reforma, amplia-se a possibilidade de terceirização – incluindo-se a atividade “fim” e não apenas a atividade “meio” –, gerando um cenário de maior

13 Na ocasião, em 2005, esses trabalhadores cumpriam uma escala de trabalho composta por quinze dias de trabalho por quinze de folga, atuando nas bacias petrolíferas, e também no continente.

14 Nesse contexto elabora-se uma nova Lei do Aeronauta (Lei nº 13.475/2017)

precarização, tendo em vista que os trabalhadores terceirizados estão mais sujeitos a jornadas de trabalho mais extensas, salários menores e a um risco maior de acidentes de trabalho.

Figura 11 - Charge¹⁵



Fonte: ADUNEB. Disponível em:
http://www.aduneb.com.br/uploads/news/imagens/00006075_1_20170328112322_Terceirizacao_Rice.jpg. Acesso em 22 out 2022.

Para discutir o tema trabalho, considerando conceitos e categorias, e lançando mão do recurso fotográfico, o professor pode sugerir que os estudantes utilizem, de maneira combinada, técnicas de fotografias, recortes/colagens, além de desenhos. Inclusive esse pode ser um exercício de problematização da realidade que envolveria um trabalho interdisciplinar entre o professor de Sociologia e o de Artes.

4.2 A técnica fotográfica e a identificação dos registros

A experimentação de atividades práticas de como fotografar, em especial com o uso de dispositivos móveis¹⁶, representa um ponto fundamental do presente produto educacional. Portanto, dominar as técnicas básicas dessa forma de linguagem representa um caminho para

15 Imagem disponível no Site Seção Sindical dos Docentes da Universidade Estadual da Bahia no seguinte [link](#).

16 Por exemplo, nesta página encontram-se conhecimentos necessários à prática fotográfica a partir da câmera do celular. Disponível em: [Tutorial: 12 dicas de como tirar fotos profissionais com o celular \(showmetech.com.br\)](http://showmetech.com.br). Acesso em 25 jun 2022.

enriquecer a experiência do registro de imagens. Assim, temos um caminho entre o uso casual da fotografia e a possibilidade de percebê-la como uma técnica que permite aguçar os sentidos e a imaginação sociológica para problematizar o real.

Como exercício para aprofundar os recursos disponíveis nos aparelhos de telefone celular, caberia descrever as seguintes características no quadro abaixo:

Principais recursos fotográficos do aparelho celular

<i>O celular e os tipos de câmera (selfie, telefoto, wide, ultra-wide, macro)</i>	Tipo selfie: ótima para registros pessoais. Como um autorretrato.
<i>Enquadramento</i>	Serve para alinhar os objetos que serão fotografados, eliminando os objetos que não desejamos.
<i>Perspectiva</i>	Permite variar o tamanho dos objetos fotografados dentro de um mesmo enquadramento, fazendo-os maior ou menor em relação a outro.
<i>Flash</i>	Acessório de várias funções, serve tanto para ambientes pouco iluminados quanto à luz do dia para preenchimento de sombras indesejáveis.
<i>Tripé</i>	Serve para segurar a câmera se você estiver só ou para ambientes pouco iluminados, para os quais se requer um tempo de exposição maior na câmera.
<i>Filtros</i>	Servem para corrigir as cores ou dar um efeito especial nas fotos, como por exemplo deixá-las em preto e branco.
<i>Explorando objetos</i>	Use a criatividade, dentro de casa por exemplo, existe um vasto material que pode ser utilizado em conjunto com iluminação, enquadramento ou para uso das cores na imagem.
<i>Saia do automático</i>	Utilizando a regulagem da câmera no modo manual, alcançamos mais recursos da câmera, enriquecendo a experiência fotográfica. Ex: fotografias com longa exposição para paisagens noturnas.
<i>Modo retrato</i>	Experimente retratar alguém e deixar o fundo desfocado, realçando a imagem do fotografado.
<i>Zoom</i>	É um recurso para fotografar objetos distantes, aproximando-os, ou captar algum detalhe da paisagem.
<i>Iluminação</i>	Importante de como nos posicionamos em relação ao objeto fotografado, pois não devemos fotografar de frente para a fonte luminosa, mas sim deixá-la atrás da câmera a fim de obtermos uma melhor iluminação do objeto. Em fotografias ao ar livre é desejável fotografarmos antes das dez horas da

	manhã e depois das dezesseis horas, onde a luz do Sol está mais inclinada e produz menos sombras “duras”.
--	---

O uso da fotografia em sala de aula com estudantes da Educação Básica requer não somente uma preocupação com aspectos técnicos, mas sugere também alguns cuidados descritivos. Uma imagem com uma legenda correta informa o autor da obra, quando foi feita, o local e que recursos foram utilizados em sua confecção.

Podemos observar exemplos de como legendar uma imagem:

figura 12 – Moldura natural



Título: Grades
Autor: Paulo G. C. Branco
Ano: 2005
Suporte: digital
Câmera: Sony P-92

Título: Moldura natural
Autor: Paulo G. C. Branco
Ano: 1998
suporte: original em papel perolado 12x18 cm;
Câmera: Zenit 12 xp, objetiva 28mm, abertura f:5.6, filtros: polarizador e vermelho.
Filme: Ilford SFX 200
 Figura 13 - Grades



Fonte: arquivo pessoal.

Na prática, a identificação correta do que foi registrado auxilia o público a entendê-la melhor, além de contribuir para indexar a informação de maneira adequada, criando um sentido de preservação da memória. E, ao mesmo tempo, sugere uma narrativa, um recorte da realidade em sua complexidade

4.3 Visitando acervos: explorando o portal Brasileira Fotográfica

A consulta aos acervos fotográficos ajuda na construção da prática da fotográfica, pois observar a produção de outros fotógrafos poderia inspirar assuntos, enquadramentos, ângulos e contrastes, e também novas interpretações daquilo que registramos, da mesma forma que o aprofundamento na literatura especializada contribui para o capital cultural.

Em se tratando de acervo fotográfico, conforme já foi desenvolvido anteriormente, vale a pena consultar o repositório digital do portal Brasileira Fotográfica¹⁷, que congrega a Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles¹⁸, dentre outras instituições¹⁹.

No *Portal Brasileira* sugere-se ao professor acessar e explorar os seguintes itens: Objetivos, Quem somos, Gestão, Uso de imagens, Como pesquisar no BF, Documentos Técnicos. No sentido de explorar os recursos com os estudantes, destacam-se as categorias: Análise de documento, Biografia, Cronologia, Curadoria e Efemérides.

Além do repertório digital, um caminho complementar seria observar com os estudantes as fotografias constantes em livros e revistas, discutindo como o fotógrafo chegou àquela imagem, ou seja, como ele teria regulado a câmera ou talvez manipulado a imagem para obter determinado efeito, talvez com o recurso de um filtro ou algo similar.

17 Aqui vai o link para a página: [Brasileiana Fotográfica \(bn.gov.br\)](http://brasilianafotografica.bn.gov.br)

18 [Instituto Moreira Salles \(ims.com.br\)](http://instituto-moreira-salles.com.br)

19 A Brasileira Fotográfica foi inaugurada em 17 de abril de 2015, fundada pela Biblioteca Nacional e pelo Instituto Moreira Sales, e seus curadores são Joaquim Marçal (FBN) e Sérgio Burgi (IMS). Ao longo de sua existência, mais nove importantes instituições culturais passaram a integrar seu acervo fotográfico: o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, a Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, a Fundação Joaquim Nabuco, o Leibniz-Institut fuer Laenderkunde, o Museu Aeroespacial, o Museu da República e o Museu Histórico Nacional. Assim, o usuário do portal pode ter acesso a fotografias dos acervos de todas essas instituições numa mesma plataforma. (https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?page_id=19728)

No *Brasiliana*, dentro da *Cronologia dos fotógrafos* podemos destacar as biografias dos fotógrafos Augusto Malta²⁰ e Marc Ferrez.²¹, tendo em vista a importância de ambos para a história da fotografia brasileira, em especial para o Rio de Janeiro como capital da República.

Dentro do *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*²², temos um caminho de acesso ao *Portal Augusto Malta*²³, desde que o pesquisador realize um cadastro na página. Apesar da importância desse arquivo, tendo em vista que Malta foi fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro, em linhas gerais há um problema relacionado com a resolução das imagens disponibilizadas, além de um uso inadequado da marca d'água no centro da imagem.

Augusto Malta foi o primeiro fotógrafo da administração municipal, contratado pelo prefeito Pereira Passos para captar as imagens dos imóveis que seriam derrubados para as obras de urbanização do Rio de Janeiro, iniciadas em 1903. Sua sensibilidade de artista levou-o a fotografar inúmeros outros acontecimentos, proporcionando um painel fidedigno do Rio Antigo, entre 1903 e 1937. As imagens captadas por Malta, pertencentes do acervo do Arquivo da Cidade e ao Museu da Cidade, estão disponíveis para consulta on-line.

(<http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/portal-augusto-malta;jsessionid=3D3526584BD08915C152D7D95ECDDD47.liferay-inst3>)

Caso o professor precise ampliar seu repertório de acervos, ou mesmo sua prática em pesquisas dessa natureza, pode também consultar o site do *Museu da Imagem e do Som* do estado do Rio de Janeiro²⁴. A instituição oferece pesquisas²⁵ na modalidade online e presencial à sua base de dados, em alguns casos mediante agendamento prévio. No caso do *Setor Iconográfico*, há um acervo de mais de 100.800 itens, com documentos bidimensionais - como fotografias em papel e estereoscópicas em vidro, negativos em vidro, diapositivos, cartazes,

20 <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20908>

21 <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20796>

22 <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral>

23 <http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>

24 <http://www.mis.rj.gov.br/colecao/augusto-malta/>

25 <https://bd.mis.rj.gov.br>

desenhos, serigrafias e gravuras, dentre outros. Além disso, dentro da base de dados encontramos a Coleção Augusto Malta:

A coleção Augusto Malta, comprada para o MIS na época de sua inauguração, é constituída por mais de 25 mil fotografias, 20 álbuns fotográficos com imagens selecionadas pelo próprio, 1.700 negativos de vidro e 115 negativos panorâmicos. (<http://www.mis.rj.gov.br/colecao/augusto-malta/>)

Na preparação das atividades para os alunos, sugere-se que o professor navegue nas respectivas páginas, uma vez que possuem vasto acervo fotográfico disponível, inclusive de forma remota. Trabalhar com a linguagem fotográfica também requer que o docente mantenha uma prática de visitar exposições iconográficas com temáticas e formatos variados. E assim também incentivar os estudantes e suas respectivas famílias para que façam o mesmo, em exposições remotas ou presenciais.

4.4. Preparando o trabalho de campo e a exposição fotográfica

A atividade de registro fotográfico por parte dos estudantes requer uma sensibilização gradativa acerca de práticas pedagógicas planejadas pelo docente, de modo a fomentar uma conjugação entre a experimentação da técnica fotográfica e o embasamento sociológico. Especialmente no sentido de interpretar a realidade social, visando estabelecer uma estreita relação entre os conceitos teóricos e as imagens.

O percurso foi planejado de modo a intercalar e combinar elementos da experimentação fotográfica – através da dança sêlfica, da vista aos acervos e exposições fotográficas, ou mesmo do uso dos recursos disponíveis nos celulares para captura de imagens – com uma fundamentação teórico-conceitual clássica e contemporânea, ancorada no conhecimento sociológico acerca do mundo do trabalho e de suas transformações.

Uma questão ética importante refere-se ao fato de que a captura de uma imagem requer algum tipo de consentimento, prévio ou posterior, para que a foto seja utilizada em uma exposição. Portanto, os estudantes precisam ser orientados acerca do direito de uso de imagem,

ainda mais em situações em que o assunto fotografado envolva pessoas. Em termos práticos, temos uma legislação que protege a imagem das pessoas contra o uso indevido²⁶.

A captura e seleção de imagens devem ser atividades de grupos ou equipes de trabalho, visando garantir uma multiplicidade de olhares e de interpretações sobre a realidade. A curadoria de imagens requer um processo colaborativo de debate de propostas, visando o amadurecimento de habilidades como a argumentação, o convencimento e a tomada de decisões, tanto sobre as imagens capturadas, quanto daquelas que seriam escolhidas para compor a exposição. Sem esquecer, evidentemente, as legendas e a fundamentação sociológica na interpretação da realidade social.

A motivação para a exposição a ser desenvolvida pelos estudantes pode ser feita por intermédio de um vídeo²⁷ que registra “passeio virtual” pela Exposição GOLD (Mina de Ouro Serra Pelada), baseada na obra do fotógrafo Sebastião Salgado. As fotografias registradas por Salgado, no ano de 1986, são intercaladas com depoimentos do artista-ativista que descrevem o cotidiano do “formigueiro humano” ao longo dos 33 dias de permanência no garimpo.

Nunca é demais enfatizar que alguns cuidados são importantes na montagem da exposição das fotografias para a comunidade escolar. A data específica e o período de realização do evento devem levar em consideração o calendário escolar, evitando-se, preferencialmente, períodos de avaliação ou finais de bimestres ou semestres. Sugere-se o mês de maio, quando se comemora o Dia Internacional do Trabalho, como um período de reflexão, mobilização e luta acerca das condições de vida e de trabalho.

O local da exposição deve ser agradável e bem iluminado. Um belo e convidativo texto de apresentação da exposição poderia estar afixado no local de entrada do espaço, até mesmo

26 O primeiro dispositivo legal diz respeito à Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 5º, inciso X, informa que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; E no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no artigo 17 está previsto que “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.”. Para o Código Civil, no artigo 20, prevê que “Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.”

27 <https://www.youtube.com/watch?v=CHYYkzjnT1M> Sebastião Salgado

para trazer informações sobre a proposta e a metodologia, em especial para a comunidade escolar. Importante que para agregar opiniões e diferentes pontos de vista, o texto deve ser discutido e elaborado coletivamente, assim como o suporte de alocação das imagens e a disposição das fotografias.

As imagens devem estar no formato de papel, comum ou fotográfico, tendo em vista que para isso devem “impressas” ou “reveladas”. Até porque essa representa uma experiência sensorial e estética muito distinta da que temos quando nos deparamos com as imagens digitais que ficam “aprimonadas nos celulares”, sem nunca ganharem uma corporeidade.

Por fim, cabe mais uma vez reforçar que as fotografias devem dialogar com o instrumental teórico da Sociologia. O professor precisa acompanhar e orientar os estudantes em todas as etapas, sobretudo no uso reflexivo de conceitos e categorias relacionados ao mundo do trabalho. Tudo isso tem importante papel como exercício de *imaginação sociológica*, de interpretação da realidade social, notadamente permeada por conflitos e contradições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil contemporâneo, a utilização de equipamentos digitais para captura de imagens, seja através de um aparelho telefônico ou uma câmera própria, *tablet* ou outro dispositivo, já se constitui de forma majoritária como uma estratégia mais popular e acessível ao universo da fotografia, sejam para profissionais ou amadores.

Partindo desse contexto, o produto educacional desenvolvido e apresentado tem como intuito oferecer ao docente da Educação Básica algumas atividades e reflexões, de natureza prática e teórica, sobre uma ferramenta pouco explorada na sua potencialidade: a fotografia. Ao mesmo tempo, pensar os limites e possibilidades de utilizar fotografias em atividades pedagógicas de cunho sociológico.

O percurso pedagógico buscou, ao mesmo tempo, diversificar atividades para os estudantes e ressaltar dicas para os professores. Assim, a cultura digital, expressa pela postfotografia, por ser muito próxima ao universo de experiências juvenil, representou o ponto de partida das atividades, até mesmo para criar vínculos entre o docente e os estudantes. No sentido de ampliar o repertório, indicou-se a visita de acervos fotográficos, visando explorar os recursos de pesquisa e busca de imagens, em fontes seguras devidamente indexadas. O caminho também envolveu conhecer expoentes da fotografia, como Marc Ferrez, Augusto Malta, Boris Kossoy, Sebastião Salgado e Joan Fontcuberta.

Parte significativa dos esforços tentou oferecer informações básicas para potencializar a captura de imagens, por intermédio de dispositivos móveis, no sentido de transformá-las em fotografias – saindo de um formato de imagens digitais para um suporte em papel. Na prática, as imagens com a temática do mundo do trabalho exigiriam um suporte em papel, comum ou fotográfico, para serem usadas na exposição voltada para a comunidade escolar.

A fotografia, em diálogo estreito com a perspectiva sociológica, confere uma maneira potente de visualizar o universo do mundo do trabalho, com registros referenciados nos conceitos clássicos do grande estudioso sobre assunto: Karl Marx (1818-1883). Estudos sobre os conceitos de exploração, força de trabalho, mais-valia, processo de trabalho, meios de produção, meios de trabalho, objetos de trabalho, forças produtivas, relações de produção, dentro outros que podem ser elencados pelo docente.

A abordagem da Teoria Crítica permanece em estreita conexão com interpretações contemporâneas de autores como Ricardo Antunes e Ruy Braga que pensaram a nova

morfologia do mundo do trabalho, por intermédio de conceitos como infoproletariado e precariado. Na mesma linha, cabe problematizar e perceber transformações recentes da estrutura social, abordando a Reforma Trabalhista (2017) e seu sentido de precarização das relações de trabalho. Em especial com a ampliação do processo de terceirização – capaz de provocar a degradação das condições de vida e de trabalho, com salários menores, jornadas mais longas e risco de acidentes trabalhistas.

O produto educacional proposto no formato de oficina, alude ao exercício da sensibilização criativa e da liberdade intelectual, já que o percurso pedagógico, dentro da temática do mundo do trabalho e de suas transformações estruturais, representa um recorte, uma escolha de acordo com uma abordagem teórico-conceitual. De tal maneira, a fotografia representa uma linguagem dinâmica, que permite uma forma de expressão para além da escrita, exatamente porque representa um caminho profícuo de mobilização dos jovens estudantes para discutirem problemas que afetem as suas vidas e a sociedade atual.

Enfim, a fotografia precisa assumir um papel de protagonismo na Educação Básica, como uma linguagem – técnica e artística, pedagógica e didática – que pode ser problematizadora da realidade social, na medida em que consegue dialogar de forma estreita e vigorosa com o conhecimento sociológico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Márcia Angela da S.; DOURADO, Luiz Fernandes (orgs.). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas** [Livro Eletrônico]. Recife: ANPAE, 2018
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços da era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo (organizador). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In ANTUNES, R.; BRAGA, R. (organizadores). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARAÚJO, Silvia Maria de. **Sociologia: volume único: ensino médio** / Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, Benilde Lenzi Motim. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.
- BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. **Conhecimento e imaginação: sociologia para o ensino médio** / Maria Lígia de Oliveira Barbosa, Tânia Quintaneiro, Patrícia Riveiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012
- BAUMAN, Zigmunt.; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010
- BODART, Cristiano das Neves. Fotografia como recurso didático no ensino de sociologia. **Em Tese**, Florianópolis, SC, v. 12, n. 2, p. 81-102, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n2p81>. Acesso em: 12 mar. 2021
- BODART, Cristiano das Neves. das N.; FEIJÓ, Fernanda. CIÊNCIAS SOCIAIS NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 219–234, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n2.51194. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/51194>. Acesso em: 9 abr. 2022.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: propostas de práticas de implementação**. Brasília: 2019.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da Criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BRAGA, Ruy. **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017

ERMAKOFF, George. **Augusto Malta e o Rio de Janeiro: 1903-1936**. Rio de Janeiro: Casa Editorial Ermakoff, 2009.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes: notas sobre la postfotografía**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. **SOCIOLOGIA. currículo mínimo, 2012**. Disponível em: [Currículo Básico \(educarj.gov.br\)](http://educarj.gov.br) . Acesso em: 15 abr. 2022

HEDGECOE, John. **O Manual do Fotógrafo**. Porto: Porto Editora, 1982.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem** / José de Souza Martins. 2. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

ANEXO 1 – Quadro biográfico de Boris Kossoy

Biografia

Boris Kossoy (São Paulo, São Paulo 1941). Historiador da fotografia, professor, fotógrafo, museólogo, arquiteto. Conclui o curso de arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, em 1965. Dedicou-se desde jovem à fotografia. Em 1968, funda o Estúdio Ampliart, e atua nas áreas de jornalismo, publicidade e retratos, paralelamente a uma carreira autoral. Publica em 1971, pela editora Kosmos, a série *Viagem pelo Fantástico*, com seus trabalhos fotográficos. Torna-se doutor em história e iconografia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP, em 1979. Entre 1980 e 1983, dirige o Museu da Imagem do Som de São Paulo - MIS/SP. Lança em 1980, pela editora Duas Cidades, o livro *Hércules Florence, 1833: A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil*, que tem repercussão internacional. Desde 1991, é membro do Conselho Consultivo da Coleção Pirelli-Masp de Fotografia. Assume a diretoria do Departamento de Informação e Documentação Artísticas da Secretaria Municipal de Cultura - Idart/SMC de 1995 a 1997. Em 2000, presta concurso para livre-docência na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP e, em 2002, para o cargo de professor-titular. Como historiador, investiga a história da fotografia no Brasil e na América Latina e o emprego da iconografia como fonte de pesquisas nas ciências humanas e sociais aplicadas.

Análise

Boris Kossoy destaca-se, sobretudo, pelos trabalhos que desenvolve sobre a teoria e a história da fotografia. Sua atuação como historiador é inovadora, no sentido de tornar a história da fotografia brasileira um campo de estudo sistemático, complementando ações isoladas, a exemplo de Gilberto Ferrez (1908 - 2000), que, em 1946, realiza estudos inaugurais no Brasil. Na década de 1970, Kossoy estuda as invenções fotográficas independentes de [Hercule Florence \(1804 - 1879\)](#), realizadas em 1833, portanto, anteriores à notícia, de 1839, da descoberta de Louis Jacques Mandé Daguerre (1789 - 1851), reconhecido como inventor da fotografia. Esse estudo torna-se, então, um importante ponto de partida para a compreensão da história da fotografia brasileira. Do mesmo modo, suas pesquisas sobre o caráter documental da imagem fotográfica são de grande relevância para a constituição de uma disciplina. Kossoy apresenta diferentes metodologias de abordagens para o entendimento, por exemplo, da fotografia como fonte histórica. A preocupação como teórico expande-se a trabalhos desempenhados quando diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo - MIS/SP e do Departamento de Informação e Documentação Artísticas - Idart, em São Paulo. Suas ações estão centradas na valorização do tratamento dispensado a documentos fotográficos e na forma como são utilizados em trabalhos históricos. Entre os trabalhos fotográficos de Boris Kossoy, destaca-se a série *Viagem pelo Fantástico*, de 1971. As imagens em preto-e-branco revelam diferentes personagens que se apresentam de forma fantástica, como a noiva sentada segurando o buquê em uma

estação de trem vazia. Um anúncio publicitário fixado na parede tem a palavra Jundiáí, cidade do interior de São Paulo. Essa é a única pista dada pelo fotógrafo. Nessa série, Kossoy busca situações solitárias e angustiantes que remontam a cenas cinematográficas.

(<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa316/boris-kossoy>)

GLOSSÁRIO

filtros – em fotografia, são filtros coloridos utilizados para corrigir as cores, acentuar tonalidades, “aquecendo” ou “esfriando” uma cor. Por exemplo, no preto e branco, um filtro vermelho serve para escurecer o azul, que aparecerá no papel fotográfico como cinza escuro, dependendo da intensidade do filtro.

fotografia – significa, basicamente “desenhar com a luz”.

objetiva – resumidamente, trata-se de um disco de vidro modelado e polido de formato convexo. É pela objetiva que passam os raios luminosos que formam a imagem, no caso de uma câmera analógica, no filme, se digital, no sensor; é a lente da câmera.

polarizador – os raios luminosos se propagam ondas, como uma linha reta e irradiam para todas as direções, o que este filtro faz é fazer a luz vibrar apenas em um plano, o que reduz sua intensidade. Ele é utilizado para eliminar reflexos indesejados, como por exemplo produzidos por uma janela de vidro, deixando-o sem reflexos.

slides- é o mesmo que diapositivos, ou seja, é uma imagem positiva, normalmente colorida que está numa base transparente e que deve ser observada através de luz transmitida, como por exemplo, numa transparência.

suporte – onde a informação está registrada, no caso dos exemplos citados, pode ser num filme ou no papel fotográfico.

viragem em sépia – técnica utilizada durante a revelação no papel fotográfico onde o preto e branco é substituído pelo tom castanho, produzindo um efeito nostálgico.

zoom – lente que permite variar o tamanho da imagem, aumentando ou diminuindo-a. Por exemplo, quando queremos aproximar um assunto que se encontra distante.